

A ARTE MUSICAL

REVISTA PUBLICADA QUINZENALMENTE

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO — Praça dos Restauradores, 43 a 49

LISBOA

DIRECTOR
Michel'angelo Lambertini

Instituto, R. Jardim Regedor, 13 e 15

EDITOR
Ernesto Vieira

SUMMARIO — Léo Delibes — Musica Religiosa (conclusão) — Notas Vagas — Visconde de Oliveira Duarte — Colysen dos Recreios — Noticiario.

EXPEDIENTE

Agradecendo a todos os nossos estimaveis assignantes a benevolencia e interesse com que tem sido acolhida a «Arte Musical», rogamos áquelles que ainda não effectuaram o pagamento do 2.º semestre, queiram enviar a respectiva importancia para a administração d'esta revista.

Os pagamentos da provincia podem ser feitos em vale do correio, em carta registrada ou n'uma simples ordem sobre qualquer casa de Lisboa.

A DIRECÇÃO

LÉO DELIBES

A OPERA comica é o genero mais característico da arte musical franceza.

Este genero, creado na segunda metade do seculo XVIII, nasceu do enxerto da opera buffa italiana no velho vaudeville francez. Quasi todos os mestres de que a França legitimamente se orgulha o tem cultivado, produzindo n'elle innumeraveis obras primas, deliciosos exemplares e fieis imagens do fino espirito gaullez.

Antes de tudo façamos porém a justiça de lembrar que as primeiras operas comicas francezas devem-se a um napolitano: Egidio Roumaldó Duni, que escreveu a *Ninette à la cour* (1755), *La chercheuse d'esprit* (1756), *Le peintre amoureux de son modèle* (1757), etc.

Foi depois d'este, e procurando imital-o, que Monsigny e Philidor abriram o caminho em que se illustraram Gretry, Mehul, Leseur, d'Alayrac, Boieldieu e successivamente todos os chefes da escola franceza.

O genero da opera comica, adquirindo um grande desenvolvimento, estendendo-se aos bailados e entrando muitas vezes nos dominios da opera lyrica, tornou-se a formula mais pura da musica franceza por excellencia, cujos topicos são elegancia, facilidade, espirito e delicadeza.

Levaram n'ó á summa perfeição Herold, Adolphe Adam, Auber, Halévy, Victor Massé, Ambroise Thomas.

Léo Delibes era, ha oito annos, o seu mais legitimo representante; contava-se com elle como um creador de novos modelos da arte contemporanea, eguaes ou ainda superiores aos que já apresentára. Veiu porém de repente a morte cortar todas essas esperanças.

Nasceu Léo Delibes em La Flèche, proximo de Saint-Germain-du-Val, em 1836. Humildade e pobreza lhe embalaram o berço, se o teve, e na primeira infancia encontrou-se em Paris feito menino do côro na egreja da Magdalena.

Em 1848 foi admittido no Conservatorio; discipulo predilecto de Adam, teve tambem por mestres Le Couppey para o piano, Benoit para o orgão e Bazin para a harmonia.

Um anno depois de entrar para o Conservatorio figurou nas primeiras representações do «Propheta», tomando parte no côro de rapazes que tem a marcha da sagração; não se pôde dizer que não foi uma estreia notavel e sobretudo uma entrada solemne.

Mas tambem lhe serviria de boa lição pratica.

Tem d'estas vantagens a aprendizagem da musica: é longa e difficil; mas se os que nascem desprovidos das regalias que dão os bens da fortuna são obrigados a procurar o sustento logo desde os primeiros passos, podem como compensação aprender ao

mesmo tempo que trabalham, fazendo maiores progressos do que se unicamente recebessem as lições da escola.

Assim se engrandeceu Rossini, assim se creou Verdi. Os exemplos são numerosos.

Custa mais por este meio a vencer o ca-

Estava longe ainda d'uma posição brilhante, mas proseguia o seu caminho: aprendia trabalhando.

Ambicionava as glórias do theatro; procurou obtel-as pouco a pouco ensaiando-se primeiro na operetta. Em fevereiro de 1856



LÉO DELIBES

minho, é verdade; alguns caem extenuados antes de alcançarem a meta.

Paciencia! Maior gloria para os que vencem!

Delibes, graças á protecção de seu mestre Adolpho Adam, aos dezeseite annos já era acompanhador ao piano no theatro lyrico e organista effectivo n'uma egreja.

apresentou no theatro Folies-Nouvelles a primeira, que se intitulava *Deux sous de charbon*. Agradou esta tentativa, mas teve a curta existencia propria de obras d'este genero de peças. Seguiram-se-lhe *Six demoiselles à marier*, *Deux vieilles gardes*, *Maitre Griffard*, sempre com bom exito. O discipulo seguiu os passos do mestre; Delibes

imitava Adam em escrever musica ligeira e graciosa, afastando-se porém da vulgaridade e mais ainda da baixeza.

Entretanto foi melhorando de situação; em 1865 estava segundo mestre dos coros no theatro da Opera. Já era alguma coisa: ensaiar as massas coraes dos «Huguenotes», «Propheta» e «Judia», ganhando com isso a convivencia das grandes summidades artisticas e familiarisando-se com as grandes obras. N'esse mesmo anno e no proprio theatro da Opera apresentou a cantata «Alger».

Approximava-se a época da sua efflorescencia. Em 1866 apresentou um bailado: *La Source*, de collaboração com outro compositor. Foi a sua primeira obra notavel; n'ella revelou Delibes um talento completamente amadurecido, perfeitamente senhor da sua arte.

Outro bailado em 1870, «Coppelia», tornou completo o seu triumpho; estava ganha a batalha. «Coppelia» é considerada um primor de suprema elegancia e Léo Delibes foi proclamado um musico de primeira ordem destinado a illustrar a arte franceza.

Em 1873 ouviu-se a sua primeira opera comica: *Le Roi l'a dit*. Alguns criticos accusaram n'esta obra falta de inspiração mas concederam que era animada e graciosa; em todo o caso attestava uma vontade enérgica de progredir e o conhecimento de todos os recursos da arte moderna. *Le Roi l'a dit* agradou ao publico e conserva-se no repertorio, tendo tambem sido apresentada em diversos theatros do estrangeiros.

Tres annos depois d'esta opera appareceu outro bailado — «Sylvia ou a nymphe Diana» — o qual foi julgado inferior a «Coppelia».

E' todavia opinião geral que estes dois bailados constituem no seu genero duas das melhores obras que a arte contemporanea tem produzido em França.

Em 1877 uma sociedade orpheonica executou a scena lyrica para tenor e coros: *La Morte de Orphée*, musica de Delibes; era a primeira vez que o auctor da «Coppelia» tentava o genero dramatico e mostrou que tambem podia cultivar o com boa fortuna.

Veiu em seguida *Jean de Nivelle*, opera comica em tres actos, representada pela primeira vez em 8 de março de 1880, e considerada tambem um primor no seu genero.

Estas provas dadas pelo eminente musico não tardaram a ser reconhecidas officialmente: por fallecimento de Henry Reber, ficou vago no Conservatorio o logar de professor de composição, que foi dado a Léo

Delibes por decreto de 16 de novembro de 1880.

«Lackmé», que o nosso publico ouviu em S. Carlos desempenhada pelos principaes interpretes que crearam esta opera em Paris, Van Zandt e Talazac, teve a primeira representação em 14 de abril de 1883. N'esta partitura voltou Delibes ao seu estylo favorito de opera comica, abandonando as aspirações dramaticas anteriormente accentuadas. Escreveu simplesmente musica espirituosa, poetica, elegante e finamente colorida com os recursos da orchestração moderna. «Lackmé» agradou infinitamente a todos, sem as restricções que tinha havido para as duas operas precedentes. Entrou no repertorio italiano e hoje canta-se nos principaes theatros lyricos do mundo.

Léo Delibes trabalhava desde alguns annos n'uma grande opera — «Kassya» — trabalho a que consagrava todos os seus cuidados esperando fazer d'essa opera o seu melhor titulo de gloria.

Esperança frustrada, porque o compositor falleceu antes de ter concluido a sua obra, em janeiro de 1891.

ERNESTO VIEIRA.

MUSICA RELIGIOSA

(Conclusão)

III

Primeiro do que tudo: para uma obra de arte ser apreciada por aquelles para quem é feita, deve estar de accordo com o seu modo de sentir e de pensar; deve ser delicada ou rude, simples ou complexa, ostentosa ou modesta, expansiva ou concentrada, triste ou alegre, segundo o meio em que se produz. Quando não satisfaz esta condição fica um trabalho perdido, ainda que esse trabalho seja apreciavel para um ou outro espirito que esteja fóra do ambito commum, ou possa ter valor n'uma época ou n'um logar differente d'aquelle a que se destinou.

Disse-o Taine: «Uma obra de arte é determinada pelos meios que a cercam.»

Os leitores conhecem decerto aquelle formosissimo romance de Alexandre Herculanó, intitulado *O Paroch da Aldeia*; leram ahi a descripção da festa de S. Pantaleão, de cuja irmandade era mesario o Bartholomeu da Ventosa, festa em que o bom do padre cura teve por acolytos fr. Chaparro e o padre mestre Prazeres, desempenhando as funcções de mestre de cerimonia fr. Narciso, e pregando o sermão fr. Timotheo.

E digam-nos: que musica se poderia ou-

vir n'essa festa, que não fosse ruidosa e brilhante para estar de accordo com aquelles que a promoveram, isto é, com a expansiva alegria do nosso povo do campo, cujo sangue ferve com o calor do sol meridional?

Porventura seria ali bem recebido um solemne mas frio coral allemão, ou qualquer das missas de Bach, Mozart ou Bethoven?

Não, decerto. Os festeiros de S. Pantaleão teem a fibra muito rija; para que estremeça é preciso atacal-a rudemente. Querem estrondo e movimento. Quanto a processos, uma extrema simplicidade: rythmo bastante accentuado para que entre facilmente nos ouvidos, melodia symmetricamente phraseada para que bem se comprehenda. Quando o côro entoa *Gloria in exelsis*, alegra-os ouvir uma brilhante fanfarra de cornetins e trombones. No *Laudamus* ou no *Domine Deus*, uma aria commove-os, embora essa aria se pareça com qualquer outra do *Trovador* ou da *Lucrecia Borgia*. Que importa isso? Ainda ninguem da freguezia de S. Pantaleão foi ao theatro de S. Carlos ouvir a opera italiana, por consequencia não ha perigo de approximações irreverentes nem de reminiscencias peccaminosas.

Tal é, porque tal deve ser, a musica religiosa nas festas da aldeia.

Mas na cidade o caso é differente. O gosto apurou-se, logo, exige processos mais delicados; a intelligencia desenvolveu-se, logo, exige um trabalho mais esmerado; enfim, o theatro é divertimento favorito, logo, torna-se grave escandalo reproduzil-o na egreja.

Ahi está porque muitas vezes um auditorio culto se escandalisa com certa musica que ouve nas egrejas da cidade. Tem muita razão; mas aponte-se a causa do erro afim de ser emendado: advirta-se os culpados de que n'este caso a producção artistica tem de elevar-se, sahindo das fórmulas vulgares; deve tornar-se menos rude, embora não deixe de ser colorida como pede o character nacional. O sol é o mesmo sempre: quente e brilhante; mas as suas irradiações modificam-se no ambiente que as recebe; suaves e cambiantes quando refrangem nos vidros da cathedral, duras e ardentes quando jorram pelo portal do eremiterio.

Demais: na cidade o cultismo artistico não está distribuido por equal; ha camadas menos polidas umas do que outras, e tambem ha cidades menos adeantadas umas do que outras. O leitor sabe muito bem, como eu, em que cidade se encontram festeiros da especie do Bartholomeu da Ventosa, que promovem festas como a de S. Pantaleão.

Por isso não se inculpe os artistas; estes obedecem á lei geral: produzem o trabalho

de accordo com o meio em que vivem. Exija-se-lhes mais, e ver-se-ha como elles sabem corresponder ao appello.

E' verdade que pela sua parte devem tambem esforçar-se por fazer subir o nivel, e quando assim não procedem tornam-se principaes criminosos. Mas em todo o caso não podem exceder se muito; arriscam-se a cahir por falta de equilibrio.

Considerando, porém, a musica religiosa elevada ao grau de aperfeçoamento correspondente a uma cultura intellectual das mais desenvolvidas, é certo que ella deve distinguir-se formalmente da musica profana. Essa distincção deve consistir na sobriedade de effeitos, na ausencia do character theatral, na pureza e clareza da harmonia, enfim, na elevação das idéas.

São estes os limites impostos pelo bom senso á liberdade artistica.

Está claro que um trecho de musica religiosa assimilhando-se a uma polka ou a uma valsa é um barbarismo sob o ponto de vista esthetico, se não constitue um sacrilegio sob o ponto de vista religioso.

Uma aria dramatica, um recitativo declamatorio são outros tantos absurdos porque despertam a idéa de representação theatral, desviando-a por consequente do seu fim, que é incutir o sentimento religioso.

Ha, porém, no catholicismo muitos canticos que teem uma expressão evidentemente dramatica; taes são o *Stabat Mater*, o *Dies irae*, os responsorios nas matinas da Semana Santa, etc.

N'este caso o musico não só está auctorizado mas é obrigado a secundar essa mesma expressão; a musica religiosa pôde então approximar-se da musica theatral, porque tem de exprimir sentimentos apaixonados, os quaes não teem outra differença d'aquelles que se exhibem no drama lyrico, senão a do assumpto.

Modelos d'este genero são os *Stabat Mater* de Pergolesi e de Rossini, as missas de *Requiem* de Berlioz e de Verdi; em proporções mais modestas mas em condições ainda assim de muito apreço, estão no mesmo caso as matinas da Semana Santa do nosso inspirado compositor Joaquim Casimiro.

Muitas determinações e leis tem a curia romana publicado sobre este assumpto, todas mais ou menos desprezadas ou esquecidas por aquelles mesmos que deviam velar pelo seu cumprimento. Uma das mais modernas foi a circular expedida por ordem de Pio IX, com a data de 18 de novembro de 1856. N'esta circular já não se ordenava, como em prescripções anteriores, a observancia do estylo de Palestrina, mas mani-

festava-se o desejo de que fosse preferido; *tolerava-se* a musica instrumental e prohibia-se expressamente as arias, duettos, recitativos e tudo quanto fosse desenhado á imitação das peças de theatro.

A ultima, porém, e a mais notavel d'essas leis pela cordura e bom senso com que está redigida, é o *Regulamento para a musica sacra* approved por Leão XIII em 24 de setembro de 1884.

Transcreverei, por julgal-os muito interessantes, alguns dos seus principaes artigos, que na totalidade são vinte e tres divididos por cinco capitulos.

«Artigo 1.º A musica vocal figurada permittida na egreja é unicamente aquella cujos cantos graves e piedosos são proprios da Casa do Senhor e dos divinos louvores, servindo com o sentido sacro das palavras para estimular os fieis á devoção. A esta regra se subordinará toda a producção de musica vocal figurada, mesmo quando seja acompanhada por orgão ou outros instrumentos.

Art. 2.º A musica figurada de orgão deve corresponder á indole grave, ligada e harmoniosa d'esse instrumento. Deve elle sustentar decorosamente o canto e não suffocal-o com o estrondo. Os acompanhamentos, sempre originaes, devem estar de accordo com a seriedade da sagrada liturgia.

Art. 5.º E' absolutamente prohibida na egreja qualquer musica para canto composta sobre *motivos* ou *reminiscencias theatraes* ou *profanas*, assim como aquella que tenha fórmulas ligeiras e languidas, como as das *caballettas*, *cavatinas* e *recitativos*, escriptos á maneira theatral, permittindo se solos, duettos e tercettos de character melodico sagrado, e unidos ao conjunto da composição.

Art. 11.º E' terminantemente prohibido executar na egreja a mais insignificante parte ou reminiscencia de operas theatraes, de peças dançantes de qualquer genero, como *polka*, *valsa*, *maçurka*, *minuete*, *rondó*, *schottisch*, *varsoviana*, *contradança*, *galope*, etc., assim como de peças profanas, a saber, *hymnos nacionaes*, *canções populares*, *eroticas* ou *burlescas*, *romanças*, etc.

Art. 12.º Prohibe-se os instrumentos musicaes demasiado ruidosos, como tambor, bombo, pratos e outros analogos. Todavia as trompas, flautas, timpanos e outros instrumentos do mesmo genero de que o povo de Israel fez uso para acompanhar os divinos louvores, canticos e psalmos de David, são permittidos, com a condição de se empregarem com pericia e moderação, principalmente por occasião do *Tantum ergo* na benção do Santissimo Sacramento.

Art. 13.º E' prohibido improvisar a *capri-*

cho no orgão a quem não o saiba fazer de um modo conveniente, isto é, a todo aquelle que não saiba respeitar não só as regras da arte musical, mas até as que despertam a piedade e devoção dos fieis.»

Eis aqui excellentes regras para a composição da musica religiosa de bom estylo e character elevado; mesmo que não fossem leis canonicas seriam sabios conselhos de esthetica.

Mas os festeiros de S. Pantaleão ainda estão longe do estado de civilisação em que essas leis podem ser comprehendidas e observadas.

Diga-se a verdade toda: o padre cura tambem é culpado d'este atrazo porque elle mesmo é o mais atrazado.

ERNESTO VIEIRA.

NOTAS VAGAS

IV

Cartas a uma Senhora

De Lisboa.

Do sitio onde lhe escrevo vejo eu esbater-se ao longe o mar immenso, o mar eterno, e um listrão de sol polvilhal o d'ouro e embebel-o em luz...

Por sobre a minha cabeça chilreiam passaros que na ramaria verde enchem de encanto o ar e de poesia a paisagem, e defronte de meus olhos uns pequenitos brincam fazendo-me sorrir, fazendo-me sonhar.

*

Não seria precisamente a melhor occasião para lhe escrever minha amiga se com isso não redobrasse o praser que n'este momento me invade a alma...

Aqui me tem pois não para a illucidar sobre as mil cousas varias que, por sem duvida, qualquer outro não deixaria de registar sollicito, e que eu desastradamente nem sequer descubro, mas para me congratular com o seu adoravel sexo que agora mesmo acaba mais uma vez de apparecer-me em toda a sua fulgurante elevação...

Graças á influencia de uma veneranda senhora deve em breve installar-se em Lisboa o primeiro sanatorio para creanças, e mercê da iniciativa salutar e fecunda de outra, e esta duplamente aureolada pelos clarões que vem do solio e pelas irradiações que vem da consciencia, parece que vae encetar-se a serio a tão anciosamente esperada campanha contra a tuberculose.

Que bom feminismo este, e como dá vontade de beijar respeitoso as mãos bemditas que de taes obras curam!

Queiram os fados, minha senhora, que eu não ponha uma larga demora em noticiar-lhe mais factos assim, porque se a vida está sendo tantas vezes desconsoladora e negra, convém que ao menos, de quando em quando, uma alegria surja, provando-nos que ainda a melhor fôrma de combater todas as suppurações do mal é a Bondade, a bondade sem limite, a bondade sem conta, a bondade sem descanso...

E esta d'onde melhor nos poderá provir que d'um coração de mulher?

Nós outros homens, cheios de ambições e de interesses, somos, é certo, capazes de nobres impulsos e de generosos pensamentos; mas, na nossa acção, soffremos intermittencias multiplas e colapsos grandes; e apenas aquellas a cujo sexo V. Ex.^a pertence são capazes da dedicação infatigavel, da suprema tenacidade que tudo consegue e tudo vence.

*

Andam para ahi muitos defensores da mulher a chamar-lhe igual a nós, e com isso dizem advogar-lhe os interesses e sustentarlhe as reivindicações; e, todavia, para serem justos o que deveriam era proclamar-lhe, não nossa igual, mas nossa superior, pois que isso de capacidade intellectual ou lá que é, nada tem que vêr com os fundamentaes instinctos de abnegação, de piedade e de ternura que são a structura íntima do seu ser, e a propria rasão do seu destino.

Comtudo, se resolverem não a achar superior, não de pelo menos consideral-a *diferente*.

E ser diferente em muitos casos é ser melhor. Ora as mulheres quando realmente o são, isto é, quando não nos apparecem apenas miseravelmente *femeas* ou lamentavelmente *manequins*, podem bem supportar confronto com todas as pretendidas superioridades de intellecto que porventura singularisam e engrandecem o homem e até bastas vezes o supplantam.

Deus me livre de explanar agora esta já tão expremida these, pois que o simples facto de me dirigir a V. Ex.^a é a melhor prova que poderia dar-lhe de quão victoriosamente V. Ex.^a em tudo responde ao verdadeiro ideal feminino.

Reune a minha veneranda amiga, na sua prestigiosa personalidade, a abnegação d'aquella santa Coralie Cahen que até no captivo soube ser enfermeira e a intelligencia e a cultura de uma Staël...

Compreende, outrosim, — para citar um bello exemplo de hoje —, aquella grande figura modelar que se chama M.^{me} Lucie Dreyfus, em quem nós não sabemos o que mais admirar: se a resignação *christã* da

sua alma de *israelita*, se a tempera stoica do seu character de diamante; se a capacidade do seu grande coração perante a illimitada extensão do seu martyrio; e, compreendendo-a tal como o faz, mostra-nos que seria susceptivel de com ella se defrontar — se porventura — o que felizmente não pôde succeder — em identica ou analoga conjunctura tivesse o infortunio de se encontrar, pois já o escreveu o genial Goethe: *Comprender é egualar*.

Por isso enquanto a natureza produzir exemplares assim, e mais de um grande homem authentico, modestamente confessar o que deveu áquella que lhe deu o ser ou áquella com quem dividiu o coração, não é mister esgrimir contra adversarios que serão sempre mais ou menos imaginarios...

Pelo que, boa amiga, nada mais tenho a fazer senão repetir, terminando, as saudações que no principio d'esta carta endereço á mais bella metade do genero humano, no que V. Ex.^a por todos os motivos me acompanha.

AFFONSO VARGAS.

GALERIA DOS NOSSOS

Visconde de Oliveira Duarte



UMA constante e devotadissima dedicação, um amor absolutamente desinteressado por tudo quanto é arte musical pura e elevada, dão-lhe um dos primeiros logares entre os nossos mais benemeritos amadores.

Pianista e organista que recebeu lições dos maiores mestres, como Marmontel e Lefébure

Welly, apesar de possuir o mais elevado grau de virtuosismo, nunca foi inclinado a ruidosas ovações, embora as tivesse recebido mais de uma vez; retrahido e modesto como a propria bondade e doçura do seu character, tem por ideal a musica íntima, gosada a sós ou em limitado convivio de alguns apreciadores entusiastas como elle mesmo.

Não contente com interpretar as obras dos outros, tem por vezes fixado a propria inspiração. Nobilissimo divertimento de um espirito culto, animado pela mais delicada sensibilidade artistica.

FLX.

COLYSEU DOS RECREIOS

Os ultimos quinze dias não foram os mais prodigos em *premières*, porque apenas como taes temos a apontar a *Martha, Pescadores de Perolas e Fra Diavolo*. Em qualquer d'ellas o desempenho foi regular, a não ser um ou outro trecho prejudicado pela pouca justeza de afinação, quando, principalmente os tenores, começaram a *calar*. Felizmente o facto não se deu sempre e os frequentadores do Colyseu, que teem sido quasi todas as noites em grande numero, nem por isso deixaram de applaudir.

As sr.^{as} Wermez e Aida Saroglia teem continuado nas boas graças, attraíndo concorrência. As noites em que foi cantada a *Cavalleria Rusticana* pela sr.^a Vigier e o tenor Arrigotti teem sido tambem das melhores.

Vão continuando as *seratas*, signal de proxima retirada da companhia. Começaram pela do empresario Emilio Giovannini e n'estes ultimos dias realisaram-se as das sopranos Juliette Wermez e Aida Saroglia Gonzaga. Outras se annunciam para breve, embora hoje tenhamos ainda um debute na *Carmen*: o da meio-soprano Federica Fassini, que foi especialmente contratada para cantar tres vezes aquella opera

Todos sabem quanto se exige entre nós da protagonista da *Carmen*. á qual nada se perdoa como actriz e cantora.

Não é portanto para estranhar que mesmo no colyseu se reflectam as exigencias de S. Carlos, porque uma grande parte dos nossos *dilettanti* estão a veraneiar muito agradavelmente, ouvindo as operas cantadas pela companhia Giovannini.

A necessidade impreterivel de fazer compôr hoje esta nossa resunida revista lyrica força-nos a não podermos dar noticia da *Carmen* e da debutante Fassini. Por isso aconselhamos as nossas gen'is leitoras que não esperem pelo que lhes di sermos d'aqui a quinze dias e que vão ouvir a *Carmen* para fazerem o seu juizo. Dar-nos-hão o prazer de lhes ouvir os commentarios e a critica severa, implacavel por vezes, mas que nem sempre por isso deixa de ser justa.

Mas ainda só agora nos lembramos de que, quando se aborrecerem a ler este artigo, já devem ter ouvido a Fassini. Fazem-nos então a fineza de nos dizer, mesmo por um simples bilhete postal, se gostaram? Tambem tinha muita graça fazermos no proximo numero um quadro das opiniões das nossas queridas leitoras, com as suas ini-

cias. E' boa idéa? Estamos de accôrdo? Creiam que com isso nos penhorariam.
13 de julho.

ESTEVES LISBOA (*Aristes*).



Do Paiz

Realisaram-se na Academia de Amadores de Musica os seguintes exames:

Rudimentos, 1.^a parte. Com distincção: D. Palmira Ferreira, D. Lydia Esther Sá Vianna Brandão, D. Suzana Adelaide Silva, D. Palmira da Conceição Antunes (cega), Roberto Edgar Broughton, Hugo Pinto de Moraes Sarmento. Plenamente: Mario Baptista Bello de Carvalho, Fernando Augusto Ribeiro Cabral.

Rudimentos, 2.^a parte. Com distincção: D. Deborah de Sousa, D. Judith Leiria, D. Olympia Judith Hamard Lopes, D. Bertha Emilia de Mattos Pinto, D. Maria Bastos da Motta. Plenamente: D. Camilla de Jesus Fernandes Casaes de la Rosa, Cesar Leiria. Com louvor: D. Luzia Guimarães, D. Palmira da Conceição Antunes (cegas).

Fiauta, 2.^a parte, Eugenio da Fonseca Ferreira, plenamente. 3.^a parte, João Pedro Madeira, distincção. 4.^a parte, Claudio Pinto, distincção.

Pianno, 1.^a e 2.^a partes. D. Luzia Guimarães (cega), distincção.

Harmonia, 1.^a parte. D. Bertha Coelho de Campos, D. Esther Coelho de Campos, distincção.

Acompanhamento, 1.^a parte. D. Bertha Coelho de Campos, D. Esther Coelho de Campos, louvor.

Violino, 1.^a parte. Com distincção: D. Camilla de Jesus Fernandes Casaes de la Rosa, Alfredo Mantua. Plenamente: D. Estella Celeste de Moraes Ferreira, João de Vilhena, José Silvestre da Silva Campos.

Violino, 2.^a parte. Com louvor: D. Luiza Coelho de Campos. Antonio Avelino Joyce. Com distincção: D. Beatriz Noemi Sá Vianna Brandão, Liberato Eugenio Sá Vianna Brandão, José Maria de Oliveira Ferreira. Plenamente: D. Estella Celeste de Moraes Ferreira, Alberto Carlos Ferreira, Julio Pinto Barata.

Violino, 3.^a parte. Com louvor: D. Luiza Coelho de Campos, D. Eugenia Braulio Crespo, Antonio Avelino Joyce. Com distincção: D. Izabel Raphaela Barbosa da Silva Casqueiro, D. Margarida Narcisa Fernanda Casaes de la Rosa, Mauricio Armando Martins Costa, Henrique Hermann de Lima. Plenamente: D. Jacintha Fernanda Dalhun-

ty de Fontes Pereira de Mello, Mario Pereira.

Violino, 4.^a parte. Carlos Estevão de Sá, distincção. 5.^a parte (ultima do curso geral). Raul Soares da Silva Pereira, louvor; Manuel Jervis d'Atouguia Ferreira Pinto Bastos, distincção.

Foram muito notaveis os exames de violino. Entre as creanças, revelaram extraordinaria disposição as meninas Luiza Coelho de Campos, Eugenia Crespo e o menino Avelino Joyce filho do nosso bom amigo dr. Joyce.

Dos alumnos mais adiantados ha sobretudo a notar Raul Soares da Silva Pereira, que executou com grande desembaraço e correcção o 9.^o concerto de Bériot; tambem deu excellentes provas D. Manuel de Athouguia, filho do sr. visconde de Athouguia.

Fizeram exames de rudimentos duas alumnas cegas, e uma d'ellas fez tambem exame de 1.^a e 2.^a partes de piano. Os exames de rudimentos tiveram logar em classe, juntamente com as alumnas videntes, dando todas eguaes provas, solfejando as mesmas lições, e escrevendo as alumnas cegas na sua escripta especial em relevo as mesmas demonstrações que as alumnas videntes escreviam no quadro. Resolveu-se portanto este difficil problema: tornar commum a educação dos cegos e dos videntes. A alumna cega que fez os dois exames de piano deu tambem excellentes provas, tocando sem hesitação todas as escalas que o presidente do jury de improviso lhe dictou, executando grande numero de exercicios e trechos classicos, tudo com rara perfeição.

Notemos ainda os brilhantes exames de harmonia e acompanhamento, feitos pelas talentosas alumnas D. Bertha e D. Esther Coelho de Campos. Como o curso de acompanhamento é uma novidade entre nós, pois que nem no nosso Conservatorio existe, apesar de ser um complemento indispensavel ao estudo da harmonia, damos em seguida o programma do respectivo exame, programma que as alumnas satisfizeram executando no harmonium com admiravel facilidade.

«Programma para o exame da 1.^a parte do curso de acompanhamento. — 1.^o Execução de um trecho escripto em baixo cifrado, escolha do examinando. 2.^o Execução á primeira vista de tres lições do «Tratado de acompanhamento por A. Durand» até ao n.^o 86, escolha do jury. 3.^o Execução de um trecho transportado para uma tonalidade differente d'aquella em que estiver escripto, escolha do examinando. 4.^o Idem á primeira vista, escolha do jury feita entre as primei-

ras 35 lições de *L'Art de Déchiffrer*, por Marmontel.»

Do Estrangeiro

Foi inaugurado em Berlim um monumento em honra do sabio dr. Helmholtz, ao qual a theoria dos sons deve tantas e tão importantes descobertas, auctor da importantissima obra «Theoria physiologica da musica». O imperador Guilherme presidiu á inauguração.

*

A nova opera «Maria del Carmen», do pianista e compositor catalão Enrique Granados, parece destinada a fazer brilhante carreira no visinho reino; depois de ter sido cantada com excellentes exito em Madrid e Valencia, acaba de ser festejada em Barcelona com entusiasticos applausos do publico e lisongeiros artigos da imprensa. Diz «La España Musical» que se esta opera não é das que no primeiro momento se impõem ao publico, em compensação é das que agradam tanto mais quanto melhor conhecidas são.

*

Em Bilbao estreiou-se — com exito completissimo — segundo affirma a «Guia Musical» de Barcelona, uma opera vasconça intitulada *Chanton-Piperrri*, musica do joven maestro biscainho o sr. Zapirain. A Deputação de Guipuzcoa e o *Ayuntamiento* de São Sebastião, resolveram subsidiar com uma pensão na totalidade de 4:000 pesetas este artista que tão auspiciosamente começa, para que faça uma viagem a França, Italia e Allemanha afim de se illustrar e de aperfeiçoar a sua educação artistica.

*

A «Gazeta Musical de la Habana» dá-nos noticia de que n'aquella ex-colonia hespanhola o movimento artistico, paralyzado com a guerra, vae readquirindo nova animação. Os theatros trabalham activamente, os concertos e festas musicas succedem-se com frequencia. A zarzuela continua a estar no gosto do publico, cantando se as obras mais notaveis de Chapi, Caballero e Breton.

*

No dia 8 cantou-se em Paris pela 1:400.^a vez o «Chalet» de Adam.

*

A municipalidade de Leipzig concorre para o monumento que vae erigir-se n'aquella cidade a Sebastião Bach, com a somma de 10:000 marcos, sendo metade tirada do cofre municipal e a outra metade do producto de um legado posto á disposição do municipio.